



The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search

<http://ageconsearch.umn.edu>

aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*

No endorsement of AgEcon Search or its fundraising activities by the author(s) of the following work or their employer(s) is intended or implied.

VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS E ORIENTAÇÃO REGIONAL DA SOJA BRASILEIRA FRENTE À UNIÃO EUROPÉIA E AO FORO DE COOPERAÇÃO ECONÔMICA NA ÁSIA E NO PACÍFICO (1992-2004)¹

Adayr da Silva Ilha²

Daniel Arruda Coronel³

Resumo - Este trabalho objetivou verificar a competitividade da soja brasileira em frente à União Européia e ao Foro de Cooperação Econômica na Ásia e no Pacífico (APEC). Para isso, fez-se uso dos Índices de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) e do Índice de Orientação Regional (IOR). Os resultados mostram que o Brasil apresentou Vantagens Comparativas Reveladas no período analisado, as quais foram crescentes, à exceção de 1995, 1996, 1999 e 2003. As causas para essas quedas podem estar relacionadas com a sobrevalorização cambial no período de 1995 a 1998 e com variações nas exportações mundiais e brasileiras de soja. O resultado do IOR, para a União Européia, indica que as exportações estão orientadas para o bloco; embora esse índice tenha caído ao longo do período analisado, as exportações de soja para o bloco aumentaram. Isso indica que as exportações de soja para outros mercados cresceram, proporcionalmente, mais do que para a União Européia. Já o IOR para a APEC indicou que as exportações estão orientadas extra-APEC, embora países como a China e o Japão, que são membros do bloco, sejam hoje grandes importadores da soja brasileira.

Palavras-chave: Soja, comércio internacional e blocos econômicos.

¹ Recebido em 05/09/2005 Aceito em 30/01/2006.

² Professor do Departamento de Ciências Econômicas e do curso de Mestrado em Integração Latino-Americana da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: adayr@smail.ufsm.br

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Agronegócio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: danielcoronel@mail.ufsm.br

1. Introdução

A partir da década de noventa, intensificou-se o processo de globalização, o que determinou o aumento das transações financeiras, a maior volatilidade do capital, o acirramento da concorrência, a expansão dos fluxos de comércio e capital e a queda nas proteções tarifárias.

Concomitantemente ao processo de globalização, observou-se a regionalização da economia, ou seja, a formação de blocos econômicos, para que os países tenham maior competitividade no contexto macroeconômico internacional e obtenham vários benefícios intrabloco.

Nesse sentido, merecem destaque a União Européia (UE), o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e o Foro de Cooperação Econômica na Ásia e no Pacífico (APEC).

Na última década, intensificaram-se as relações comerciais entre o Brasil e os países da União Européia e da APEC. De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), os produtos que mais se destacaram estão relacionados com o agronegócio, com ênfase na soja, suco de laranja, fumo, frango, carne bovina, açúcar e café.

De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), a cada ano, a participação da soja na pauta de exportações brasileira tem aumentado, sendo, hoje, a principal *commodity* do agronegócio brasileiro.

Atualmente, o Brasil é o segundo maior exportador mundial desse produto, perdendo apenas para os EUA. Segundo a *Food and Agriculture Organization of the United Nations* (FAO), os principais exportadores mundiais são EUA, Brasil e Argentina.

O principal importador da soja produzida no Brasil é a União Européia, com destaque para Holanda, Alemanha, Espanha, China e Japão, sendo os dois últimos membros da APEC.

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio, as exportações de soja passaram de 3.727.435 toneladas, em 1992, para 19.247.690 toneladas, em 2004. As perspectivas para os próximos decênios são favoráveis, visto que o Brasil possui uma estrutura dinâmica capaz de absorver a crescente demanda de soja. Contudo, um dos grandes obstáculos às exportações desse produto são as barreiras tarifárias e não-tarifárias que os principais importadores impõem a esta *commodity*.

Vários fatores favorecem essa cultura no Brasil, tais como o aproveitamento da mesma área destinada a outras culturas, como trigo e arroz; os créditos e subsídios que os produtores vêm recebendo nos últimos anos; o papel que as cooperativas desempenham na intermediação e comercialização; e o crescente aumento da soja na dieta alimentar da população.

Este trabalho analisa a competitividade das exportações da soja brasileira junto aos mercados da União Européia e da APEC e a orientação das exportações deste produto para esses mercados.

É importante traçar um panorama do agronegócio da soja; identificar o papel que o Brasil desempenha no comércio mundial; verificar a evolução das Vantagens Comparativas das exportações da soja para a União Européia e para a APEC, de 1992 a 2004; e analisar a tendência de orientação das exportações de soja, de 1992 a 2004, para a APEC e para a União Européia. Os Índices de Vantagens Comparativas Reveladas e de Orientação Regional foram obtidos de dados coletados junto ao Sistema de Análise de Comércio Exterior (ALICE), à Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), à *Food Agriculture Organization* (FAO) e à Organização Mundial do Comércio (OMC).

2. Mercado brasileiro da soja

De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) e com o Ministério de Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), a

participação do agronegócio na pauta de exportação brasileira e na formação do Produto Interno Bruto (PIB) tem aumentado. Segundo dados desta mesma fonte, o PIB do agronegócio, em 2003, foi de 180,2 bilhões. Em 2004, o agronegócio foi responsável por 42% do total das exportações, sendo o saldo comercial do setor de, aproximadamente, US\$ 32 bilhões. Dados do MAPA apontam que o agronegócio é responsável por 33% do Produto Interno Bruto (PIB) e por 37% dos empregos brasileiros.

Dentre os produtos do agronegócio, o que mais se destaca é a soja. Atualmente, dados da FAO indicam que o Brasil é o segundo maior exportador desse produto, perdendo apenas para os EUA.

Os maiores produtores de soja, segundo a *Food Agriculture Organization* (FAO), são Estados Unidos da América (EUA), Brasil, Argentina e China. Em 2004, os Estados Unidos produziram 85.483.904 toneladas; o Brasil, 49.205.384; a Argentina, 31.500.000; e a China, 17.600.340. Segundo Brum (2002), os Estados Unidos, o Brasil, a Argentina e a China detêm cerca de 88% da produção mundial de soja.

Segundo o Ministério da Agricultura, os principais estados produtores são Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul. O Estado do Rio Grande do Sul vem apresentando baixa produtividade, se comparada à dos estados do Paraná e Mato Grosso. Nos últimos anos, houve redimensionamento na produção de soja, o que resultou na maior participação dos estados da região Centro-Oeste e na perda de espaço por parte dos estados da região Sul.

De acordo com Cypriano e Teixeira (2001), na década de 80, a região Centro-Oeste era responsável por 27% da produção brasileira de soja e, na década de 90, já perfazia 40%.

Com base na Tabela 1, verifica-se a evolução da produção, do consumo, das exportações e das importações da soja brasileira (1992 a 2004).

Tabela 1 – Produção, exportações e importações brasileiras da soja em grão (em toneladas), de 1992 a 2004

Ano	Produção	Exportações	Importações
1992	19.214.700	3.727.435	472.590
1993	22.590.980	4.186.781	130.670
1994	24.931.830	5.400.045	956.170
1995	25.682.640	3.495.585	878.682
1996	23.155.270	3.647.048	937.389
1997	26.391.450	8.339.824	1.450.018
1998	31.307.440	9.274.911	828.454
1999	30.987.480	8.917.352	582.347
2000	32.734.960	11.517.337	807.658
2001	37.881.340	15.675.587	849.901
2002	42.124.888	15.970.490	1.045.399
2003	51.482.300	19.890.467	1.189.229
2004	49.205.384	19.247.690	348.312

Fonte: Organização própria a partir de dados da FAO.

A produção⁴ brasileira, em 2004, foi 156,08% superior à de 1992, sendo o crescimento médio, de 1992 a 2004, de 7,78% ao ano.

⁴ As Taxas Médias de Crescimento da produção e exportações brasileiras, de 1992 a 2002, foram calculadas pelo Modelo log-linear ($\ln y_t = B_0 + B_1 t$), sendo a taxa de crescimento dada por antilog de B_1 menos um, vezes cem. Para maiores informações sobre este modelo, ver Gujarati (2000) e Santana (2003).

Para Moro e Lemos (1999), Brum (2002) e Mello e Senna (2003), os Estados Unidos apresentam vantagens na produção e na comercialização de soja, em relação ao Brasil, no que tange a menores custos de produção e armazenamento, maiores investimentos em pesquisa e infra-estrutura adequada. A Argentina também apresenta vantagens comparativas em relação ao Brasil, devido aos menores custos de transporte, à existência de melhores solos, à menor carga tributária e à facilidade no escoamento da produção. No entanto, segundo esses autores, o Brasil apresenta vantagens em relação aos Estados Unidos e à Argentina, quanto à disponibilidade de área para aumentos significativos da produção.

No que concerne ao consumo, observam-se várias oscilações, tendo em 2004 ocorrido a maior queda. De acordo com a FAO e com a SECEX, o Brasil não está entre os maiores consumidores e importadores de soja.

As exportações de soja, em 2004, foram 416,37% superiores às de 1992, e o crescimento médio, de 1992 a 2004, de 17,16 %.

Para Wilder, Martines Filho e Barros (1999) e Brum (2002), um dos fatores que impulsionaram as exportações de soja em grão foi a Lei Kandir, que desonerou as exportações de produtos *in natura* do Imposto de Circulação de Mercadorias (ICMS), contudo, há várias críticas a esta lei, visto que ela vem desestimulando a venda de produtos que poderiam ter maior valor agregado, como óleo e farelo.

De acordo com a SECEX, os maiores importadores da soja brasileira são os países que pertencem à União Européia⁵, com destaque para Holanda, Alemanha e Espanha, e China e Japão, sendo os dois últimos membros do Foro de Cooperação Econômica na Ásia e no Pacífico (APEC)⁶. Conforme Almeida *et al.* (2003), apesar de as exportações de

⁵ Os 25 estados-membros são Alemanha, Austrália, Bélgica, Chipre, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos, Polónia, Portugal, Reino Unido, República Tcheca e Suécia.

⁶ De acordo com Caldas e Ernst (2003) e com o Portal da APEC (2004), a APEC foi criada em 1989, na Austrália, e objetivou a criação de Área de Livre Comércio, contudo, isso deve demorar para acontecer devido as grandes disparidades entre os países membros. A APEC tem 21 membros, que são Estados Unidos, Canadá, México, Chile, Peru, Austrália, Nova Zelândia, Japão, Coreia do Sul, Tailândia, Papua Nova Guiné, Indonésia, Filipinas, Singapura, Hong Kong, China, Taiwan, Vietnã, Malásia, Rússia e Brunei.

soja predominarem na União Européia, nos últimos anos estas vêm diminuindo, em contraste com as exportações para o leste asiático, que têm crescido continuamente.

Para Nukui e Miranda (2004), a China é o país com maior potencial para os produtos do agronegócio brasileiro, dada a sua diversidade de importações e dado o crescimento de seu mercado e de seu consumo.

Um dos grandes desafios que o governo brasileiro enfrenta são as barreiras tarifárias e não-tarifárias colocadas pelos principais importadores de soja.

Nas análises de Waquil *et al.* (2004), as principais barreiras que a União Européia impõe à soja estão relacionadas com a Política Agrícola Comum. No que tange às barreiras não-tarifárias, destacam-se os subsídios, que propiciam maior renda ao produtor europeu, as barreiras técnicas, as sanitárias e as fitossanitárias, as quais exigem que a soja atenda a determinados critérios.

Segundo a SECEX, as exportações de soja em grão para a União Européia não estão sujeitas a tarifas, contudo, as de óleos de soja em forma bruta são taxadas com alíquotas que variam de 3,8% a 7,6%, e as de óleo refinado, de 6,1% a 11,4%.

De acordo com Averborg (2000) e Nukui e Miranda (2004), a China sempre recorreu a barreiras não-tarifárias às importações, tais como cotas, inspeções aduaneiras, restrições quantitativas e licenças para importar. Outra dificuldade que o exportador enfrenta diz respeito aos preços do mercado chinês, visto que há três tipos - o preço estatal, estabelecido pelo estado, o preço de orientação estatal, que tem relação direta com a economia chinesa, e o regulado pelo mercado.

Segundo Brum (2002), a China impõe uma taxa de 3% às importações do grão e de 13% às de óleo. Nesta perspectiva, para Nukui e Miranda (2004), a entrada da China na OMC, em 2001, fez com esse país revisse alguns dos seus mecanismos protecionistas.

O Japão, de acordo com a SECEX, tem estrutura tarifária que apresenta progressividade, à medida que os produtos vão adquirindo maior valor agregado. Assim, a tarifa de importação da soja em grão é zero, enquanto a do óleo, de 20,7 ienes por quilograma.

Para Rocha (2002), Brum (2004) e Rodrigues (2004), a soja continuará tendo importância no agronegócio brasileiro, contudo, vários obstáculos e desafios têm de ser superados, como maior integração entre os integrantes da cadeia produtiva e desoneração de tantos tributos, maior investimento em biotecnologia, no intuito de o país absorver a demanda de produtos geneticamente modificados, melhores créditos e subsídios aos produtores e maior reforço com vistas nas ações de sanidade das lavouras. Caso esses desafios sejam superados, o Brasil ampliará cada vez mais sua participação no mercado mundial de soja e continuará colaborando para maior geração de emprego.

3. Referências metodológicas

Na verificação da existência da competitividade da soja brasileira em frente à União Européia e à APEC, utilizaram-se os Índices de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) e de Orientação Regional (IOR).

O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas foi proposto por Balassa, em 1965, balizado na lei das Vantagens Comparativas, formulada por Ricardo, em 1817.

De acordo com Maia (2002, p. 03), “o índice de VCR fornece um Indicador da estrutura relativa das exportações de uma região ou país”.

O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas é dado pela equação abaixo:

$$VCR_j = (X_{ij} / X_i) / (X_{wj} / X_w),$$

em que

X_{ij} = Valor das exportações brasileiras de soja;

X_i = Valor total das exportações brasileiras;

X_w = Valor total das exportações mundiais de soja;

X_w = Valor total das exportações mundiais;

i = Exportações brasileiras;

w = Exportações mundiais;

j = Soja.

De acordo com Maia (2002),

$VCR_j > 1$ indica que o país possui vantagem comparativa revelada nas exportações de soja;

$VCR_j < 1$, que o país possui desvantagem comparativa revelada nas exportações de soja.

O Índice de Orientação Regional foi proposto por Yeats (1997).

O IOR é dado pela equação abaixo:

$$IOR = (X_{rj} / X_{tr}) / (X_{oj} / X_{to}),$$

em que

X_{rj} = Valor das exportações brasileiras de soja intrabloco;

X_{tr} = Valor total das exportações brasileiras intrabloco;

X_{oj} = Valor das exportações brasileiras de soja extrabloco;

X_{to} = Valor total das exportações brasileiras extrabloco;

r = Exportações brasileiras intrabloco;

o = Exportações brasileiras extrabloco;

j = Soja.

Segundo Yeats (1997), o índice situa-se num intervalo de zero a infinito, no qual a unidade indica uma mesma tendência para exportar o produto a membros e a não-membros, enquanto valores crescentes, observados ao longo do tempo, indicam tendência para exportar mais para dentro do bloco.

3.1. Fonte de dados

Os dados para calcular estes índices relativos ao Brasil foram coletados do Sistema de Análise de Comércio Exterior (ALICE), da Secretária de Comércio Exterior (SECEX), que possui os dados de exportações brasileiras (FOB) em dólares.

Os dados relativos às exportações mundiais foram coletados da *Food Agriculture Organization* (FAO) e da Organização Mundial do Comércio (OMC).

De acordo com a SECEX, os dados de exportações brasileiras (FOB) em dólares, desagregados por produto, encontram-se disponíveis a partir de 1992, razão pela qual se optou por começar a pesquisa a contar desta data.

4. Análise e discussão dos resultados

4.1. Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR)

O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas permite identificar a importância de determinado produto na pauta de exportações brasileiras em relação à mundial.

De acordo com a Tabela 2, os valores encontrados para o Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) foram maiores que a unidade, em todo o período analisado. Isto indica que a sojicultura brasileira é um setor dinâmico e tem grande importância na pauta de exportações brasileiras.

Tabela 2- Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) da soja brasileira, de 1992 a 2004

Anos	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
IVCR	13.26	13.82	18.09	11.56	11.55	22.74	25.88	24.75	27.84	27.92	30.20	28.45	32.86

Fonte: Organização própria a partir de dados da FAO, OMC e SECEX.

O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas apresentou, em média, valores crescentes ao longo do período analisado. O melhor resultado do IVCR foi em 2004, quando se observou um crescimento de, aproximadamente, 147,81%, superior ao de 1992.

De 1992 a 2004, os valores calculados foram superiores à unidade, o que indica que o Brasil possui vantagem comparativa ou competitividade nas exportações dessa *commodity*. Verifica-se ainda que os índices, além de serem superiores à unidade, foram crescentes, com exceção de 1995 e 1996, nos quais houve quedas nos índices que podem estar relacionadas com os seguintes fatores, que têm inter-relação entre si: sobrevalorização cambial do real no período de 1995-1998, aumento nas exportações mundiais de soja e queda nas exportações brasileiras de soja.

De acordo com dados da SECEX, a partir de 1997, observa-se aumento significativo no IVCR, visto que as exportações brasileiras de soja, em 1997, cresceram 128,6% em relação a 1996, enquanto as exportações mundiais, apenas 13,11%.

De 1998 a 2004, observam-se valores crescentes do IVCR, à exceção de 1999, quando ocorreu pequena queda, em decorrência de um recuo nas exportações brasileiras de soja, e em 2003, quando ocorreu nova queda. Segundo a FAO, as exportações mundiais de soja cresceram, proporcionalmente, mais que as exportações brasileiras de soja. Os dados mostram que, em 2003, as exportações mundiais deste produto cresceram, aproximadamente, 44,60%, enquanto as exportações brasileiras, 41,50%.

Para Pinazza e Alimandro (2003), as colheitas em alta e a desvalorização do real foram fatores que colaboraram para o aumento do Índice de Vantagens Comparativas Reveladas.

A análise do IVCR indicou que o complexo de soja é um setor dinâmico e competitivo da economia brasileira, sendo essa oleaginosa um dos produtos responsáveis pelo crescimento do agronegócio brasileiro. Contudo, o IVCR não indica para que países ou blocos estão direcionadas as exportações de soja, sendo necessários o cálculo e a análise do Índice de Orientação Regional (IOR).

4.2. Análise do Índice de Orientação Regional para a União Européia

O Índice de Orientação Regional (IOR) identifica se as exportações de um país estão orientadas para determinado país ou bloco econômico. De acordo com a Tabela 3, os valores calculados pelo Índice de Orientação Regional (IOR), para a União Européia, foram maiores que a unidade, em todo o período analisado, o que indica que as exportações brasileiras de soja estão orientadas para a União Européia.

Tabela 3 - Índice de Orientação Regional (IOR) da soja brasileira para a União Européia, de 1992 a 2004

Anos	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
IOR	10.88	7.02	10.41	16.91	12.93	8.04	6.23	8.89	4.81	4.84	3.89	3.41	2.65

Fonte: Organização própria a partir de dados da FAO, OMC e SECEX.

Para Nonnemberg (1998), um dos fatores que explicam a tendência das exportações brasileiras de soja para a União Européia são os contratos de longo prazo feitos pelas firmas européias, o que favorece a maior penetração deste produto nesta região.

Observa-se, no entanto, que os Índices de Orientação Regional, apesar de serem maiores que a unidade, vêm caindo ao longo do período analisado, embora as exportações brasileiras de soja para União Européia venham aumentando. Isso se deve à maior diversificação das exportações brasileiras de soja, ou seja, as exportações do país estão se dirigindo para novos mercados, como a China, por exemplo.

De acordo com a SECEX (2005), as exportações intra-EU, em 2002, cresceram 156.6% em relação a 1995, enquanto as extra-EU aumentaram 1184%.

Em análises realizadas por Ilha e Souza (2005), à medida que a soja vai ganhando maior competitividade, vai se direcionando para outros mercados, como a China.

Como já destacado neste trabalho, um dos obstáculos que a sojicultura encontra em relação à União Européia são as barreiras tarifárias e não-tarifárias aplicadas pelo bloco, as quais contribuem para que não aumentem, em maiores proporções, as exportações de soja para aquela região.

Não obstante, faz-se pertinente o Brasil tentar Acordos Regionais de Comércio, com vistas em dar uma nova conotação às relações de comércio intra-União Européia.

4.3. Análise do Índice de Orientação Regional para a APEC

De acordo com a Tabela 4, o cálculo do Índice de Orientação Regional (IOR) para a APEC foi menor que a unidade, em todo o período analisado, o que indica que as exportações de soja estão direcionadas extra-APEC.

Tabela 4 - Índice de Orientação Regional (IOR) da soja brasileira para a APEC, de 1992 a 2004

Anos	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
IOR	0.24	0.16	0.22	0.16	0.20	0.38	0.47	0.22	0.42	0.50	0.55	0.67	0.88

Fonte: Organização própria a partir de dados da FAO, OMC e SECEX.

A fraca penetração da soja brasileira na APEC pode ser explicada pelos seguintes fatores: os EUA, que pertencem ao bloco, são os maiores produtores e exportadores mundiais desse produto e a condição de associado lhe dá maiores facilidades nas exportações intra-APEC; com exceção da China e do Japão, os demais países-membros da APEC não importam grandes quantidades de soja.

Apesar de não ser maior que a unidade, o IOR vem crescendo nos últimos anos, de acordo com Tabela 4, o que faz prever que, se essa tendência se mantiver, em futuro próximo as exportações brasileiras irão estar direcionadas para aquele bloco. A exceção foi EM 1999, quando houve recuo nas exportações de soja para a APEC. O IOR tem crescido porque exportações de soja para a APEC vêm aumentando nos últimos anos, tendo sido, em 2004, 1733,12% superiores às de 1992 e 36,98% superiores às de 2003.

As exportações brasileiras de soja não estão orientadas para a APEC, contudo, neste bloco encontram-se dois importantes importadores de soja, China e Japão. Nesse sentido, o Brasil poderá tentar fazer acordos regionais de comércio com estes dois países, e não com o bloco, visando reduzir as barreiras tarifárias e não-tarifárias que ambos colocam às importações de soja.

5. Conclusão

Neste trabalho, constatou-se que a produção, o consumo, as exportações e as importações brasileiras de soja aumentaram, significativamente, de 1992 a 2004. O país, hoje, é o segundo maior produtor e apresenta condições geográficas e tecnológicas que lhe permitem aumentar a sua produção.

A análise do IVCR indicou que o país apresentou, em todo o período analisado, Vantagens Comparativas Reveladas, que foram crescentes, à exceção dos anos 1995, 1996, 1999 e 2003.

O Índice de Orientação Regional para a União Européia indicou que as exportações de soja estão orientadas para este bloco, contudo, o IOR vem caindo a cada ano, apesar de as exportações estarem aumentando. Isso ocorre devido ao fato de as exportações brasileiras de soja estarem aumentando, proporcionalmente, mais para outros mercados.

Um dos grandes obstáculos das exportações de soja, em relação à União Européia, são as barreiras tarifárias e não-tarifárias. Esse é um dos grandes desafios que o Brasil terá de superar e aí reside a importância de órgãos como a OMC, que tem como um de seus objetivos a promoção do livre comércio e do desenvolvimento das nações.

A análise do IOR para a APEC indicou que as exportações brasileiras não estão orientadas para este bloco, ou seja, estão direcionadas extra-APEC.

O Brasil é competitivo no que tange às exportações do complexo soja, contudo, vários obstáculos ainda têm que ser superados para que o país possa aumentar sua participação no mercado mundial de soja, como maior integração entre os elos da cadeia produtiva, redução nos custos de produção e diminuição das barreiras que os principais importadores colocam.

Referências

ALMEIDA *et. al.* Padrão de comércio internacional da soja em grão: Brasil vis-à-vis Argentina e EUA In: XLI CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. Juiz de fora: SOBER, **Anais**, 2003, CD-ROM.

AVERBUG. André. Exportações de manufaturas brasileiras para a Ásia perfis e desafios. **Revista do BNDES**. v.7, n.13. Rio de Janeiro. Jun., 2000.

BALASSA, B. **Trade Liberalization and “Revealed” Comparative Advantage**. The Manchester School of Economic and Social Studies, 1965.

BRUM, Argemiro Luís Brum. **A economia mundial da soja: impactos na cadeia produtiva da oleaginosa no Rio Grande do Sul 1970-2000**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

_____. **Economia da Soja: História e futuro - uma visão a partir do Rio Grande do Sul**. 2004. Disponível em: <<http://www.agromil.com.br/econosoja>>. Acesso em 20 de fev., 2005.

CALDAS, Ricardo; ERNST, Christoph. **ALCA, APEC, NAFTA e União Européia** – Cenários para o Mercosul no século XXI. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2003.

CYPRIANO, Luis Alberto; TEIXEIRA, Erly Cardoso. Elasticidade de Substituições de fatores na cultura da soja nas regiões Sul e Centro-Oeste. In: XXXIX CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. Recife: SOBER, **Anais**, 2001, CD-ROM.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). Disponível em <<http://www.fao.org>>. Acesso em: 22 de dez., 2005

GUJARATI, Damodar N. **Econometria Básica**. São Paulo: Pearson Education, 2000.

ILHA, Adayr da Silva; SOUZA, Maurício Jorge Pinto de. Índices de vantagem comparativas reveladas e orientação regional para alguns produtos do agronegócio brasileiro no período de 1992 a 2002. In XLIII CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. Ribeirão Preto, **Anais**, 2005. CD-ROM.

ILHA, Adayr da Silva; SOUZA, Maurício Jorge Pinto de; GRÜNDLING, Roberta Dalla Porta. Políticas comerciais e a evolução do comércio de alguns produtos do agronegócio brasileiro no NAFTA e nos EUA no período de 1992 a 2002. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL FRONTEIRAS NA AMÉRICA LATINA: DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO. Santa Maria: UFSM, **Anais**, 2004. CD-ROM.

MAIA, Sinézio Fernandes. Impactos da abertura econômica sobre as exportações agrícolas brasileiras: análise comparativa. In: XL CONGRESSO BRASILEIRO DA SOCIEDADE BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. Passo Fundo: SOBER, **Anais**, 2002. CD-ROM.

MELLO, Eulalie de Souza; SENNA, Ana Júlia Teixeira. Análise do Comportamento dos preços dos produtos do complexo soja. In: XLI CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. Juiz de fora: SOBER, **Anais**, 2003. CD-ROM.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA). **ESTATÍSTICAS**. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br>> Acesso em: 20 de dez., 2004.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO INDÚSTRIA E COMERCIO EXTERIOR (MIDIC). **Secretária de Comércio Exterior (SECEX)**. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/sitio/secex/secex/informativo.php>. Acesso em: 26 de dez., 2004.

MORO, Sueli; LEMOS, Mauro Borges. Competitividade internacional das exportações estaduais e brasileiras de produtos do complexo soja. In: XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DA SOCIEDADE BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. Foz do Iguaçu: SOBER, **Anais**, 1999. CD-ROM.

NONNENBERG, Marcelo J. Competitividade e crescimento das exportações brasileiras. **Texto para discussão**. nº 578, Rio Janeiro: IPEA, ago., 1998

NUKUI, David Yoshigi; MIRANDA, Sílvia H.G. O potencial do mercado asiático para as exportações do complexo agroindustrial brasileiro. In: XLII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. Cuiabá: SOBER, **Anais**, 2004. CD-ROM.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO (OMC). Disponível em: <<http://www.wto.org>> Acesso em: 25 de mai. 2004.

PINAZZA, Luis Antônio; Alimandro, Regis. Incremento nas exportações. **Agroanalys** - A Revista de Agronegócio da FGV. Instituto Brasileiro de Economia, Vol 23, nº 2, abril, 2003.

PORTAL DA APEC. Disponível em: <www.apecsec.org.sg/apec> Acesso em 25 de fev., 2005.

ROCHA, Luis Eduardo. Dinâmica das Exportações Brasileiras de soja em grão. In: XL CONGRESSO BRASILEIRO DA SOCIEDADE BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. Passo Fundo: SOBER, **Anais**, 2002. CD-ROM.

RODRIGUES, Waldecy. A organização mundial do comércio e as negociações do setor agrícola. In: XLII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. Cuiabá: SOBER, **Anais**, 2004. CD-ROM.

SANTANA, Antônio Cordeiro. **Métodos quantitativos em economia: elementos e aplicações**. Belém: UFRA, 2003.

WAQUIL, Paulo D.*et al.*. Vantagens comparativas reveladas e orientação regional das exportações agrícolas brasileiras para a União Européia. **Revista de economia e agronegócio**. Viçosa: UFV, v.2, n.2, 2004.

WILDER, Ariel; MARTINES FILHO, João Gomes; BARROS, Alexandre Mendonça de Barros. Soja: produção, comercialização e Lei Kandir. In: XXXVI CONGRESSO BRASILEIRO DA SOCIEDADE BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. Foz do Iguaçu: SOBER, **Anais**, 1999. CD-ROM. p.1-8.

YEATS, Alexander. Does Mercosur's Trade performance Raise Concerns about the effects of Regional Trade Arrangements? **Policy, Planning and Research Working Paper n. 1729**, Washington: World Bank, fev. 1997.

Abstract - This work aims at verifying the competitiveness of the Brazilian soybean in relation to European Union and the of Asia-Pacific Economic Cooperation (APEC) Forum. To do so, the Revealed Comparative Advantage Index (RCAI), and the Regional Orientation Index (ROI) were used. The findings show that Brazil has been presenting a positive Revealed Comparative Advantage Indexes on the considered period and these were increasing except during the years of 1995, 1996, 1999 and 2003. The reason of these drops off may be related to the high exchange rates between 1995 and 1998 and, due to variations in the Brazilian and World soybean exportations. The ROI result concerning the European Union indicates that the exports are concentrated to the block. Although, this rate was falling during the analyzed period, the soybean exports are increasing to the block. This may indicate that the soybean exports to other markets are proportionally increasing, more the to the European Union. The ROI analyses to APEC indicated that the exports are extra APEC orientated; however, countries like China and Japan, that are members of the block, are great importers of Brazilian soybean nowadays.

Keywords: Soybean; International Trade, Economic Blocks.

